

O GÊNERO NAS BANDAS DE MÚSICA DO NORDESTE: SUAS RELAÇÕES AFETIVAS

Marcos dos Santos Moreira¹

Resumo: O tema Música, Gênero e relações afetivas formam a razão deste *paper*. Tenta-se realizar uma discussão sobre questões de aprendizado musical em grupos filarmônicos nordestinos e suas relações afetivas. Discutem-se os papéis de homens e mulheres no tempo histórico em algumas vertentes: Relações de poder, a docência e a participação dos integrantes e seu perfil dentro de um contexto tradicional. A pesquisa é uma das ações do grupo de pesquisa “Metodologia e Concepção Social do Ensino Coletivo Instrumental”-CNPQ/UFAL e o Instituto Piaget Portugal. Tal texto se desenvolve entre filarmônicas centenárias e é ponto de pesquisa de doutoramento na Universidade Federal da Bahia realizada pelo autor deste artigo.

Palavras –chaves: Gênero e relações afetivas, Educação Musical Banda de Música

Abstract: The theme of Music, Gender and personal relationships form the point of this paper. We try to make a discussion on matters of musical learning in groups and philharmonic Northeastern your relationships. It discusses the roles of men and women in historical time in some aspects: relations of power, teaching and participation of members and their profile within a traditional context. The research is one of the actions of the research group "conception Methodology and Social Education and the education collective Instrumental- Piaget Institute Portugal. Tal text develops between philharmonic centennial and is a point of doctoral research at the Federal University of Bahia held by the author.

Keywords: Gender and relationships, Music Education Music Band

Introdução

Várias áreas do conhecimento humano como Educação, Psicologia, Sociologia, tratam sobre o tema da concepção afetividade, gênero, interações humanas associadas às práticas no ensino escolar. Realizando um paralelo com a Educação musical especificamente na educação de grupos, seja coletivo ou de agremiações, dois pontos serão abordados nesta pesquisa em andamento, como investigação na analogia de Ensino-aprendizagem: Gênero e relações afetivas.

¹ Marcos dos Santos Moreira é Professor Assistente do Curso de Música da Universidade Federal de Alagoas. Atualmente é discente do curso de Doutorado do PPGMUS/UFBA. Sua temática é o ensino coletivo e gênero em Bandas de Música.



A questão masculina e a analogia docente como temática de pesquisa, se desenvolveu decorrente de anos anteriores de docência em filarmônicas. Fortaleceu-se pelo convívio, deste pesquisador, na interação profissional com diversas agremiações de euterpes, principalmente no estado de Sergipe, entre os anos de 2000 e 2006. Nestes anos além de atuar como professor auxiliar, nas classes de teoria musical de um grupo de euterpe em Indiaroba, município sergipano onde lecionei por sete anos, estive em contato com centenas de discentes de diversas Bandas da região onde a prática docente era exclusivamente masculina. Tais práticas nestas agremiações eram similares umas com as outras e a liderança dos grupos não se alternavam, sendo o mestre principal “detentor” do saber e responsável pela escolha dos monitores, geralmente homens, mesmo em instrumentos com predominância de naipes femininos, a exemplo da clarineta. Outro critério da pesquisa é destacar Euterpes com atuação ininterrupta desde a sua fundação, fato raro em muitas filarmônicas do país. São elas: Filarmônica Carlos Gomes da cidade de Estância-Sergipe (1879), Sociedade Curica da cidade de Goiana - Pernambuco (1848), Lira Ceciliana de Cachoeira-Bahia (1870) e finalmente Filarmônica Santa Cecília de Marechal Deodoro-Alagoas (1910).

Mas, porque esta predominância? De onde vem esta tradição? E as relações do afeto são as mesmas do feminino? Como se desenvolve o processo de ensino-aprendizagem nestes grupos?

Estes e outros questionamentos culminaram sobre a idéia de investigar mais uma vez sobre filarmônicas nordestinas, citando alguns exemplos, pois é impossível verificar todas as instituições, então focamos exemplos centenários e sem interrupção de atividades para assim podermos examinar seus estatutos e atas, sendo meu 2º trabalho temático². O foco de pesquisa em andamento são Bandas nordestinas; pela própria cultura intrínseca no local que por muito tempo e ainda em muitas situações hoje se cultua a simbologia machista nesta região brasileira. Outro critério da pesquisa é destacar Euterpes com atuação ininterrupta desde a sua fundação, fato raro em muitas filarmônicas do país.

Um breve exame inicial em algumas filarmônicas do nordeste percebe-se que muitas delas, como associação civil, preservavam nos seus estatutos restrições de participações femininas não só como musicistas quanto a contribuição de atividades no quadro

² A temática banda de música foi abordagem da dissertação de mestrado por Marcos Moreira denominado “Aspectos históricos, sociais e pedagógicos nas filarmônicas do Divino e Nossa Senhora da Conceição do Estado de Sergipe”, defendida em 2007 no Programa de Pós Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia sob orientação do Prof. Joel Barbosa.

docente ou administrativo. Em muitas delas os Estatutos e atas foram se modificando devido a evolução político-democrático da sociedade e a própria dita emancipação feminina.

Tais pontos serão abordados ainda que de forma especificamente introdutória, na fase de construção desta pesquisa que propõe uma análise das razões que levaram a tradição docente masculina e a restrição de tal atuação feminina em euterpes centenárias, principalmente no que diz respeito a cultura nordestina interiorana no tempo histórico.

O gênero: relações na práxis

A masculinidade, segundo Dantas (1997, p.5), é um tema ainda pouco explorado nas pesquisas brasileiras. Para este autor do que se encontra como referências bibliográficas no Brasil são bastante escassas. Afirma que:

Mapeando as produções acadêmicas impulsionadas por esses movimentos, observei lacunas importantes, reconhecidas pelos próprios autores, em relação ao universo masculino. A grande maioria dos estudos sobre gênero foi produzida por mulheres, sobre mulheres e para mulheres... O diálogo entre estes dois conjuntos de produções ainda é incipiente. (DANTAS, 1997)

Para Sandra Unbehaum, socióloga da USP, Universidade de São Paulo, descrevendo sobre o gênero, cita:

Gênero é uma linguagem, uma forma de comunicação, uma forma de ordenar o mundo, que orienta a conduta das pessoas na maneira como elas vão se relacionar com as outras... é mais do que uma maneira como as pessoas se relacionam, é também um jeito de olhar e compreender a realidade ... O gênero nos ajuda a compreender que essa maneira de organizar a sociedade – dividida em dois jeitos de ser: homem e mulher, masculinos e femininos... (UNBEHAUM, 2005)

Ou ainda;

O conceito de gênero, apesar de sua imprecisão teórica, diz respeito à construção cultural e simbólica das relações entre homens e mulheres. No Ocidente, desde os gregos e passando pelos iluministas, o valor máximo é a razão clara, objetiva, considerada atributo masculino, em confronto com a subjetividade obscura, identificada ao feminino. (CEMIN, 2001)

Para muitos sociólogos que lidam sobre a categoria de gênero, o sistema patriarcal, associado os caminhos estruturais históricos da sociedade, tanto do ponto de vista social propriamente dito, como econômico ratifica a hegemonia do masculino. Aludindo a Freitas (2008), Carvalho (2008), Nienow e Cemin (2008) fazem referência aos estudos de Bordieu (1989), na obra *Questões de sociologia*, onde tais características finalizam como conseqüências dentro de instituições sociais seja escola, instituições

religiosas, associações de classe, uma dominação ou como próprio Bourdieu denomina *violência simbólica*. Assim, descaracteriza as naturezas biológicas, numa elaboração de contextos sócio-cultural dos papéis. Bourdieu retrata esta visão simbólica, decisivo para o termo *divisão social do trabalho*, determinando tais papéis através das ações, da linguagem, dos símbolos, peremptório para impor funções masculinas e femininas na sociedade.

Abrindo-se um parêntese na história de educação brasileira, relacionando as discussões de gênero no magistério, exemplos do exercício catedrático em faixa etária infantil a partir da idade de quatro anos na pedagogia escolar tradicional, sempre foram pautados ao trabalho docente feminino, principalmente no pós-guerra (1945) com a necessidade feminina do trabalho. No entanto, décadas seguintes, tal panorama foi se modificando, nas relações trabalhistas docentes do gênero, em faixa mais adiantada de discentes até a fase juvenil aos dezessete anos³, onde a figura do professor (masculino) passou a ser mais evidenciada.

Para Auad (2006, p.19) as relações de gênero devem ser observadas como um campo socialmente construído onde se percebe as diferenças de como se deve analisá-lo verificando os equívocos históricos considerados naturais e que *características consideradas “naturalmente femininas ou masculinas corespondem as relações de poder”*.

Segundo Rabelo e Martins (2006), citando Almeida (1996), esta forma social antiga sobre a formação e a profissão do magistério feminino no início do século XX no Brasil, destinava-se a *forma que o lar e o bem-estar do marido e dos filhos fossem beneficiados por essa instrução*. Assim, conclui o autor, que as mulheres poderiam e deveriam ser educadas e instruídas. Ainda cita que:

O magistério era o caminho possível para a maioria das mulheres brasileiras, principalmente para aquelas das camadas médias da população, pois, até os anos de 1930, era o único trabalho considerado digno para elas, e que podia ser atrelado às tarefas domésticas. A sua instrução deveria ser “aproveitada” pelo marido e pelos filhos, portanto, teria que estar atrelada às atividades do lar. (RABELO; MARTINS, 2006,p.15)

Neste ponto é relevante citar que no Brasil até meados do século XX, pela constituição paternalista brasileira, o magistério era de responsabilidade masculina.

A predominância da profissão docente é outra temática que também na literatura sobre a educação não difere sobre a abordagem de gênero. No entanto, para Viana (2002, p.83)

³ Pela LDB, Lei de Diretrizes e Base da Educação, no Brasil, promulgada em 1996 tal faixa etária compreende a Educação Infantil (Básica) e a Infância Juvenil (Fundamental).

controvertidamente nos dias atuais, isto verifica de forma inversa e o homem é coadjuvante em números na profissão professor. Viana cita que:

De acordo com o primeiro Censo do Professor, 14,1% da categoria é constituída de homens e 85,7% de mulheres. Levantamento realizado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE)² com 52 mil professores brasileiros mostra que 97,4% dos docentes de 1^a a 4^a série do Ensino Fundamental são mulheres. Elas ocupam 80,6% das 5^a até as 8^a séries desse ensino e 60,8% do Ensino Médio. A pesquisa da CNTE aponta ainda que entre diretores, coordenadores e supervisores ligados à Educação Básica 90,1% são mulheres.(VIANA, 2002, p.83)

Mas em se tratando do tema *Banda de Música* esta afirmativa no que diz respeito a esta confrontação, não se alterou do século XIX até os dias atuais em sua grande maioria. Sendo assim as bandas tem um universo consideravelmente domínio masculino na práxis pedagógica, ratificando assim a tradição do ensino musical em filarmônicas, que sempre tiveram desde os primórdios de formação a figura do homem. Como adendo, exemplificando na estatística dos egressos dos cursos de formação docente em Música no Brasil, verifica-se atualmente um numero muitas vezes superior de homens nas classes das graduações em música-licenciatura.

Isso implica concomitantemente indagações sobre de que maneira estas práticas de ensino foram constituídas, tanto na Educação geral, formal, como no ensino musical em filarmônicas. As relações de ensino professor-aluno além das questões do gênero e se conceituando relações humanas nos fazem investigar paralelamente sobre o processo da afetividade nestes conflitos de figuras masculina e feminina em tal práxis, onde se pretende abordar.

A relação afetiva de mestres debatida principalmente na primeira idade, na educação infantil, enfoca a afinidade de crianças que fazem parte da comunidade escolar desde muito pequenas. Assim nesta questão da temática afetiva proposta para a pesquisa, embasa na relação masculinidade e pedagogia principalmente na inclusão do mestre, ligada a analogia paterna, o homem e o universo infanto-juvenil escolar.

Muitos educadores que abordam a questão da afetividade e como fatores preponderantes na aprendizagem, enfatizam suas teorias e concepções acerca dos desenvolvimentos cognitivos, intelectuais, das emoções e de sentimentos. Permeiam as relações professor-aluno e na Música, tais fatores são ligados muitas vezes geralmente em abordagem da psicologia infantil, ou como terapia ocupacional, entre outras ações.

Não desmerecendo tais procedimentos, mas para teorizar sob o ponto de vista educativo, a proposta de Tese dissertada neste projeto, pretende analisar uma conjuntura que, se não inovadora, é pouco discutida em vista do número de trabalhos escritos. Segue a proposta denominada: *Gênero e Pedagogia em Bandas de Música nordestinas: Relações afetivas no ensino aprendizagem*.

A Banda e o Mestre

Na Banda de Música por muitos anos esta relação escolar, no contexto de grupo/afetividade/gênero, de alguma forma se difere em alguns pontos relevantes e inusitados. Sendo a liderança da banda, na sua quase totalidade, caracteriza na figura masculina do mestre desde a era colonial do país, uma analogia a figura paterna, o processo é um pouco mais rígido de tradição militar⁴.

Nas novas metodologias de ensino grupos, também utilizado no ensino coletivo, o mestre se torna um mediador e o ensino é quase auto-suficiente descentralizando a figura “alicerce” do próprio e conseqüentemente tornando o tema afetividade e o gênero um leque investigativo vasto. Nas filarmônicas, a priori, se contextualiza em ensino tradicional, devido às práticas de ensino conhecida desde o século XVIII e XIX, principalmente da reminiscência de cognição passadas nos referidos períodos.

Portanto, tal cunho essencialmente masculino como liderança de classe, é um ponto a ser registrado como direcionamento da pesquisa. Se o contexto afetivo já se é debatido em fases infantis com a figura da pedagogia na sociedade de aspectos femininos, no assunto banda de música de alguma maneira muda-se o foco para a hipotética do ensino inicial sob cátedra masculina.

Hipóteses

A Educação Musical nestes últimos anos vem alcançando conquistas no sistema educacional do país. A reintrodução da Música no ensino regular, o aumento de cursos de graduação e pós-graduação, além de centenas de projetos governamentais e não governamentais de cunho social, onde a música consiste em ferramenta básica para o desenvolvimento de tal educação, nos faz analisar e esmiuçar os contextos que são alterados através das décadas subseqüentes.

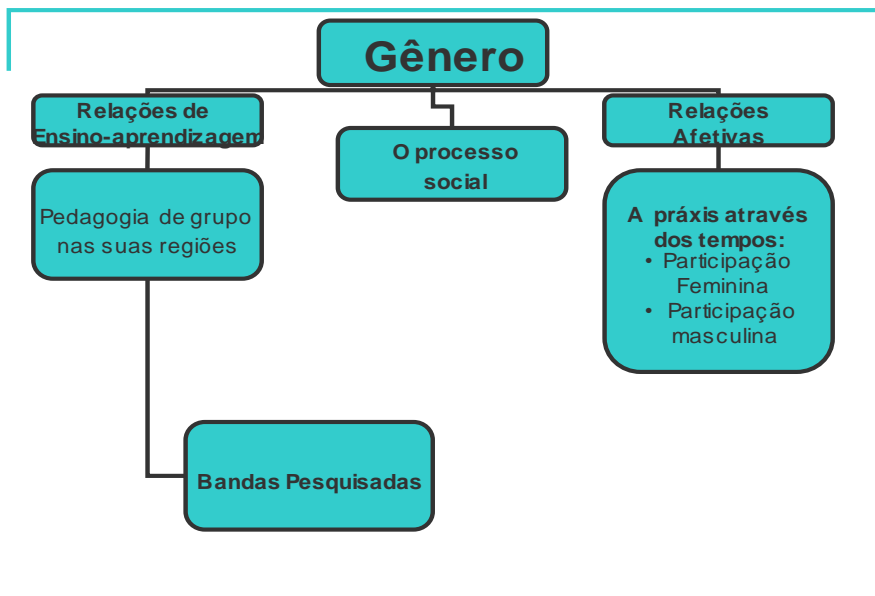
Afirmamos que a própria história da música brasileira e da Educação no Brasil, no sentido da formação prática e docência registraram os caminhos percorridos tanto na

⁴ As Bandas de Música no Brasil tem tradição baseada nas bandas militares em sua formação, indumentárias e instrumentação, desde o período colonial, ratificada no Império com a chegada de D. João VI em 1808.

escola regular quanto em associações musicais de ensino não formal, a exemplo de Euterpes, neste processo.

O que se pretende questionar, para posterior análise e comprovação:

- O Gênero masculino na docência exerce influencia na formação profissional do instrumentista ou regente após sua fase discente nestes grupos?
- Houve uma reforma nos estatutos para a inclusão feminina? Quando? Que época?
- As relações afetivas, sendo um estado interno de cunho pessoal, emocional estão intrínsecas nas formas das práxis pedagógicas nas Bandas de Música existentes?
- É possível mapear as relações ensino-apredizagem musical e regular na docência masculina, na escola e na Banda de Música?



Abordando as características de cada autor, relacionando-as ao ensino-aprendizagem não só sobre o processo do gênero masculino neste foco como também as relações afetivas e pedagógicas em questão, no que concerne ao ensino de bandas de música.

Pedagogia e as relações afetivas

Exemplifica que a concepção existente na Educação relacionada a este assunto, determina contextos pedagógicos encontrados na classificação sistemática taxionômica do Pedagogo americano, Benjamim Bloom de 1972. Estes contextos pedagógicos continuam bastante atuais e propõem a sistematização de um planejamento equilibrado

e eficiente a partir de três Domínios. São eles: Domínio cognitivo; relativo aos conceitos e habilidades mentais (no caso da música, a teoria); Domínio afetivo, relativo ao conceito de apreciação, atitudes lúdicas e Domínio Psicomotor, referente às habilidades motoras (no caso da música, execução e técnica instrumental). Esse sistema de Bloom vem sendo adaptado a novas tecnologias educacionais e implica em técnicas educativas já abordadas desde Gagné (1971), Risk (1972) e Briggs (2000).

Em inclusão à questão da relação afetiva não se encontra apenas em Bloom, mas em vários pedagogos que iremos abordar em áreas diversas do conhecimento humano onde verificamos. Segundo Risk, (1964), a “personalidade e a direção do professor são fatores poderosos para a obtenção e o desenvolvimento de resultados emocionais de ensino”. Isto se deve a natureza de resultados afetivos que são relevantes tanto para o mestre quanto para o aprendiz. Para Bloom a taxionomia dos objetivos no domínio afetivo estabelece a **Receptividade**, que é a tomada de consciência, o estímulo e atenção seletiva; a **Reação** ligada a aceitação, disposição de responder e satisfação da resposta; a **Valorização** sendo aceitação de valor e a realização pessoal. Pontos que se interligarão no processo com ensino de bandas no texto de tese.

Tal processo no caso das bandas de música, para nós, de maturação, esta ligada a independência do processo de ensino e do compartilhamento de grupo que essencialmente está intrínseco nas bandas, seja em metodologia tradicional ou mesmo de ensino coletivo, atualizado nestas ultimas décadas. Assim as relações sociais dentro de grupos filarmônicos, são ações de compartilhamento de intercâmbio e onde podemos verificar a afetividade não só na aplicação metodológica, mas cotidianamente entre seus participantes.

Conclusão

Por ser um assunto que possui poucas discussões é de fundamental importância perceber o processo de mudança que gênero e relações afetivas estão intrínsecos na educação musical de grupos na atualidade. Mesmo nas filarmônicas o perfil tende a mudar pelo fato do próprio contexto da emancipação feminina neste último século. Ainda com muitas barreiras o gênero feminino vem ocupando espaço de destaque e na música e nas tradicionais euterpes interioranas não é diferente. A relação do mestre e a relação afetiva masculina é outro ponto em transformação. Ainda se há de discutir tais papéis e suas diferenças na práxis da formação musical e se isso causa alguma influencia no processo de ensino aprendizagem. Portanto ao final desta proposta, será

talvez possível levar a questão a muitas discussões e diálogos entre os educadores musicais.

Referências Bibliográficas

AUAD, Daniela. *Educar meninos e meninas*. São Paulo: Contexto, 2006

DANTAS, H. (1992) *Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon*, São Paulo: Summus Editorial Ltda, 1992.

FREIRE, Vanda Lima Bellard. *Música e Sociedade*. Séries Teses1, Rio de Janeiro: ABEM, 1992.

MOREIRA, M.S. *Aspectos Históricos, sociais e pedagógicos nas Filarmônicas do Divino e Nossa Senhora da Conceição, no Estado de Sergipe*. Dissertação de Mestrado, Trabalho não publicado, Salvador, UFBA: 2007.

NASSIF, S. *Musicalidade, desenvolvimento e educação: um olhar pela psicologia vigotskiana*. Anais do IV Simpósio de Cognição e Artes, SIMCAM, São Paulo: 2008.

RABELO, A; MARTINS, António Maria. *A Mulher no Magistério Brasileiro: um Histórico sobre a Feminização do Magistério*. Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação. Uberlândia: FAGED/UFU, 2006.

RISK, T. *Teoria y practica de La enseñanza em lãs escuelas secundárias*. México, UTHEA, 1964.

SANTANA, Enricone, et al. *Planejamento e Avaliação de ensino*. 11^a ed., 8^a impressão, Porto Alegre: Musimed, 1995.

SOUZA, Célia M. M. *A afetividade na formação da auto-estima do aluno*. Trabalho de conclusão de curso, trabalho não publicado, UNAMA, Belém, 2002.

UNBEHAUM, Sandra. Masculinidade e violência: o que gênero tem a ver com isso? In: SIMONETTI, José Roberto et al. **Caderno da hora**. n.1 Juventude e violência de gênero. São Paulo, 2005. 47p. p.9-16.

VIANNA, Cláudia Pereira. *O sexo e o gênero da docência*. *Cad. Pagu* . n.17-18, pp. 81-103, 2002.

VYGOTSKY, L. S. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
